



**10 ANOS  
DE ACÇÃO CULTURAL**



# Património, um Valor a Preservar

Figueiró dos Vinhos e Malhoa, a Foz d'Alge, os Azulejos da Ermida de S. Simão, os Grupos Corais, a Fonte das Freiras, as Festas das Bairradas, o Pão de Ló, a Serra d'Alge, a Josefa d'Óbidos do Convento do Carmo, a Filarmónica, as Bifanas do Solar, os Plátanos do Ramal, o Casulo, a Nave da Igreja de S. João Batista, os Portais Manuelinos da Vila, a Casa Simões d'Almeida, os Barcos do Zêzere, os Biscoitos de St<sup>a</sup>. Luzia, a Ermida de St<sup>o</sup>. António, a Torre da Cadeia, os Quadros do Casulo, o Sobreiro de Malhoa, o Lar da Licínia Simões de Abreu, o Sr. Mário da Ponte, as Castanhas Doces, o Lugar

de Ana de Avis, o Busto da República de Simões d'Almeida, a Talha do Convento do Carmo, as Festas de S. João, os Teares das Bairradas, O Lugar de Valbom, os Lameiros Fértéis, o Clube Figueiroense, as conversas da esquina do Solar, a estrada do Singral, ...Figueiró é tudo isto, e isto é Património.

# Centro Cultural, uma década ao serviço da Cultura

O Centro Cultural de Figueiró dos Vinhos tem a sua sede na casa onde Mestre José Vital Branco Malhoa pintou alguns dos seus melhores quadros, e onde, na verdade, se confirmou como o "Pintor do Povo".

De Malhoa adiante daremos resumida notícia. Seria, no entanto, gravíssimo pecado de ingratidão não referirmos, desde logo, o Artista e o seu "Casulo", que, hoje, abriga o que é, sem falsa modéstia, um dos mais actuates agentes culturais da Região. Assim acontece, mau grado os tão falados "custos da interioridade", - reconheçamos - são passíveis de interpretações diferentes e, por vezes, com objectivos de fundamento duvidoso.

Apesar disso, o Centro Cultural de Figueiró dos Vinhos tem progredido e vem, cada vez mais, a contribuir para abrir horizontes alargados de

convívio, de recreio e, naturalmente, do conhecimento, em acções directamente ligadas aos fins que se propôs alcançar. Com existência legal desde 30 de Setembro de 1981, reconhecido como Pessoa Colectiva de Utilidade Pública, por diploma da Presidência do Conselho de Ministros, de 10 de Maio de 1983, desde o início fomentou, sem interrupções, uma série de actividades que abrangem visitas guiadas de Norte a Sul do País; exposições de pintura, de artesanato, de trajes regionais, de fotografia, de livros; organizou festas ao gosto popular; estabeleceu proveitoso intercâmbio com outras Associações que prosseguem os mesmos propósitos; incentivou o gosto pela leitura (apesar da modesta biblioteca que possui); abriu as suas portas à música, ao folclore, a instituições de beneficiência; procurou, embora

a traço grosso, divulgar as origens da Vila e a sua evolução através dos tempos; ressuscitou esquecidas tradições; editou postais e folhetos, relevando aspectos do que foi e do que é Figueiró dos Vinhos. Diligenciou, aqui sem o desejável êxito, a salvaguarda de edifícios e objectos de Arte que, excedendo o âmbito concelhio, são, de facto, património nacional e dos quais nos limitamos a dois exemplos confrangedores: o Convento dos Carmelitas, fundado em 1601, em vias de destruição total; e o Clube Figueiroense Imóvel de historial assinalável, que urge preservar e recuperar.

Manteve o Centro Cultural de Figueiró dos Vinhos, com regularidade, um boletim bimensal - "O Casulo" -, distribuído gratuitamente e há meses interrompido, pela necessidade de desviar as verbas nele despendidas para o aproveitamento do espaço que prolonga o jardim da sede. Aproveitamento que visa ampliar e diversificar campos de actuação, como cinema ao ar livre,

teatro, exposições de vária ordem, a exigir áreas relativamente grandes, que possam contemplar acomodações para o público. Numa segunda fase, propõe-se o Centro Cultural de Figueiró dos Vinhos cobrir o terreno ainda não aproveitado para construir um pavilhão polivalente. E, numa terceira fase, aproveitar a cave da sede para uma sala de estar e de amizade, ponto de encontro da população com a cultura.

Na humildade das suas Direcções e na dos meios materiais, o Centro Cultural de Figueiró dos Vinhos sabe que tem cumprido. Mas gostaria de ir mais longe e de fazer melhor. Para o que, embora agradecendo os apoios recebidos precisa que o olhem com a atenção devida a uma "ilha", implantada numa zona difícil, que pode vir a ser uma trincheira, ponto de partida para a integração num plano conjunto de Cultura autêntica e eficaz, definindo e defendendo valores, que, não muito raramente, têm merecido menos atenção. Não só valores. Também princípios extremamente impor-

tantes.

Tem o Centro Cultural de Figueiró dos Vinhos vivido (e sobrevivido) mercê de apoios concedidos pelas seguintes entidades:

Secretaria de Estado da Cultura  
Instituto da Juventude  
Instituto Nacional do Ambiente  
Fundação Calouste Gulbenkian  
Região de Turismo do Centro  
Direcção Geral do Ordenamento do Território  
Governo Civil do Distrito de Leiria  
Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos  
Junta de Freguesia de Figueiró dos Vinhos  
Caixa Geral de Depósitos  
Banco Espírito Santo & Comercial de Lisboa  
Instituto do Emprego e Formação Profissional  
Inatel

Para manter, permanentemente, abertas as

portas do Centro, contribuíram os Programas de Juventude OTJ, OTL, PAA, ATD e VIA.

Sublinhe-se que ao labor e à boa-vontade dos jovens que aqui prestam serviço também se deve a limpeza do interior e do exterior das instalações, bem como o cuidado necessário para que o jardim constitua um lugar aprazível. Tarefas a que se entregam empenhadamente e que seria injusto não mencionar.

## Malhoa o “Pintor do Povo”

Nasceu nas Caldas da Rainha, de gente modesta, em 28 de Abril de 1855. Teve por Padrinho de baptismo José Salles Henriques, em cuja casa de lavoura trabalhava o pai, como abegão. Por Madrinha, Nossa Senhora.

Dois palmos de gente, foi para Lisboa, a fim de frequentar a Escola Académica. Destinavam-no a entalhador, mas acabou por ser matriculado na Academia Real de Belas Artes. Tinha doze anos.

Não se pode dizer que “entrou com o pé direito”: o aluno mostrava “pouca aplicação, pouco aproveitamento e comportamento péssimo”. No segundo ano, entretanto, obteve dois prémios pecuniários de vinte mil reis cada e classificações muito elevadas, alcançando o primeiro prémio nos sucessivos anos do curso.

Conseguido o diploma, afadigou-se em exprimir, na tela, a arte que o dominava. Desejando aperfeiçoar-se com os ensinamentos dos grandes mestres da época, entrou em dois concursos para pensionistas do Estado. Injustamente preterido, abandonou pincéis e tintas, regressando à loja de um irmão (onde já estivera por um breve período), que se dedicava a chapéus e confecções para senhoras.

Todavia, a pintura estava-lhe no sangue. Nada mais desgostante para um diplomado em Belas Artes do que ser caixeiro de um estabelecimento de modas. A revolta pela injustiça foi menor do que paixão pela pintura. Não tardou a reflectir que ser caixeiro de maneira nenhuma podia destruir a força que continuava a empurrá-lo para caminhos bem diferentes - do espírito e

da sensibilidade.

De qualquer modo, teimou (em vão), durante três anos, nessa outra arte, para ele insuportável, de ser caixeiro, embora roubasse, às horas das refeições, tempo para pintar. Assim nasceu a "Seara Invadida", que não sendo o seu primeiro trabalho exposto (antes pintara oito pequenos quadros, sete dos quais lhe tinham valido medalha de bronze e distinção na Sociedade Promotora das Belas Artes), teve grande sucesso em Madrid. O caixeiro-artista reconheceu, então, que nascera para ser, apenas, pintor.

Impulsionado por Silva Porto se constituiu o Grupo do Leão, de que fez parte o fracassado caixeiro, já entrado na senda do êxito. A sua ascendência modesta prende-o à terra, enamora-o do Sol, apaixonava-o pela Luz, deslumbra-o com a Cor.

Silva Porto, dessa geração admirável, aconselhava-o e incitava-o.

Um dia, o seu antigo Professor José Simões

de Almeida, natural de Figueiró dos Vinhos, trouxe-o a visitar a sua terra. Ficou maravilhado com os longes dos panoramas, o anilado das montanhas e a tonalidade dos poentes. Tao funda foi a impressão colhida, que não tardou a construir, na Vila, a sua residência de Verão, o "Casulo", oficina e moradia, onde passou os melhores dias da sua vida e onde veio a morrer, na incurável melancolia que lhe causara o desaparecimento de D. Júlia, sua mulher. Deixava inacabada um "pastel", que, mesmo doente, insistia em concluir: "O Desalento".

Julgamos impossível fazer o índice completo das centenas e centenas de obras que o tornaram famoso entre os famosos. Por museus, por casas particulares, por instituições, não raro generosamente oferecidas a quem lhe pedia que pintasse umas "Alminhas", em Portugal e no Estrangeiro (principalmente no Brasil), se dispersam. Algumas perdidas no naufrágio de um navio que as levava, precisamente, para uma exposição a realizar



naquele país.

A 26 de Outubro de 1933 se finou. Dobraram os sinos das aldeias em redor. Colocaram-lhe à cabeceira um Cristo alumiado, e, espalhados pelo quarto, simples como o morador, lenços pintalgados, cintas de aldeões, chapéus de cavadores - a indumentária dos seus modelos favoritos.

De Figueiró dos Vinhos foi trasladado o corpo para o cemitério dos Prazeres, em Lisboa, onde se reuniu à companheira querida. Portugal chorou-o. O Povo veio à estrada deitar-lhe flores sobre a urna.

Chamava-se José Malhoa e tinha 78 anos.

*(Com este apontamento da vida de José Malhoa, tão sucinto, temos consciência de não ter dado a medida da grandeza do Mestre, na sua estatura de Homem que, recebendo honras e distinções de cabeças coroadas, de políticos ilustres, de pessoas situadas no topo da*

*hierarquia social, com todos convivendo, nem por isso deixou de ser povo, porque do povo viera. Era no povo que buscava a inspiração, registando e transmitindo à tela, um gesto, um olhar, o conjunto de um grupo de foliões, em suma, a alma da gente de hábitos desataviados. O que não significa que não se agradasse por outros temas.*

*Penitenciamo-nos pela vaidade de tentarmos retratar, em meia dúzia de linhas, a figura de um génio que, em meia dúzia de traços, retratou, fielmente, o rosto e o espírito dos seus modelos.*

*Cumpre-nos referir que nos socorremos, como única fonte de informação, do livro "Malhoa", da autoria de António Montez, em edição de 1950).*

**Nota final:** No "Casulo" não existe nenhum vestígio das obras de Malhoa, entre tantas por ele aqui concebidas e realizadas. Das lamentáveis razões do facto é dada suficiente explicação na "janela" que se junta a este apontamento.

Oficinas Gráficas Ribeira de Pera, Lda.

Tipografia - Offset

Telef. (036) 44 316



